

ENTRE A LITERATURA E A ECOLOGIA: UMA LEITURA DO “SERMÃO DE SANTO ANTÔNIO AOS PEIXES”, DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA

Nelson Flausino JR.,* Robson Dutra**

Os estudos interdisciplinares são a resposta a uma forma de concepção do conhecimento em que particularidades entre as diversas disciplinas são minimizadas a partir do princípio fundamental e unificador de um conhecimento que abranja igualmente diversas áreas através de uma pesquisa coletiva e inovadora. A interdisciplinaridade busca a produção e a socialização do conhecimento em campos não necessariamente próximos, na tentativa de o homem produzir-se enquanto ser e sujeito social, além de objeto do conhecimento social.

Proferido três dias antes de o jesuíta partir secretamente de São Luis do Maranhão para Lisboa, em 13 de junho de 1654, o sermão é uma peça alegórica que constata o estado colonialista português no Brasil, sobretudo os muitos litígios entre os religiosos e colonos do Brasil por causa da escravização dos índios, razão de sua viagem a Portugal a fim de denunciar tais arbitrariedades.

O nome por que o sermão é conhecido deriva do fato de ter sido pregado no dia de Santo Antônio e pelo fato de o santo português, diante do empedernimento humano, dirigir-se somente aos peixes, na esperança de que suas palavras fossem compreendidas e praticadas. Nele, Vieira estabelece uma série de considerações e críticas sobre as virtudes e vícios humanos, usando como exemplos sociais alguns peixes conhecidos naquela região. Através, portanto, de uma construção literária e argumentativa notáveis, o padre se inspira na biologia de organismos aquáticos (em especial peixes) para revelar, através do caráter atribuído a esses peixes, uma série de valores morais bastante eficazes tanto na prédica religiosa quanto na crítica social estabelecida.

Esse, portanto, é o objetivo desse trabalho: através de uma leitura pormenorizada do “Sermão de Santo Antônio aos peixes”, vemos como elementos da Literatura e da História juntam-se a saberes da Biologia, habilitando-nos a um estudo mais amplo da estratégia discursiva desse autor, bem como associarmos as alegorias estabelecidas a partir de organismos aquáticos para, através de seu comportamento, verticalizarmos nosso conhecimento sobre o período setecentista.

Tido como uma das maiores expressões da prédica religiosa do Barroco português, o sermão apresenta um discurso engenhoso que recorre constantemente a antíteses para manter um estado de tensão contínua, cultivando um virtuosismo e um jogo

* Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia

** Unigranrio – Mestrado em Letras e Ciências Humanas. *In memoriam*. (N. do editor)

lúdico com o significante que visa à exibição da arte de manuseio da palavra. A práxis artística, como uma arte que se caracteriza pelo saber articular e como uma arte de expressão anímica, indica duas concepções radicalmente diferentes do fazer literário. A primeira se sustenta na ideia de arte como sinônimo de inspiração e do sentimento associado à noção de Bem como sinônimo de Verdade. No Realismo, no Naturalismo e no Neorealismo, por exemplo, abunda o conceito de inspiração que, no entanto, ainda permanece fiel ao compromisso romântico com a Verdade como sinônimo de Bem. A obra de Vieira, contudo, vai além, mostrando não se tratar apenas de uma verdade do coração, mas de um compromisso com a sociedade e com a ciência. Para tanto, Vieira engendra a noção de que a poesia é uma construção que estabelece vínculos entre a construção, a invenção, a síntese e o gosto pelo paradoxo, cujo resultado é um discurso rebuscado, cujo efeito maior é a engenhosidade.

Para Baltasar Gracián, um dos teóricos do Barroco, todo discurso deve ser engenhoso, ou seja, deve visar à beleza, e para isso tem de ser tecido por sutilezas que se sucedem uma às outras ou se ordenam em uma composição geométrica. Daí, “a agudeza é a própria alma do discurso, é o estilo, é o espírito de dizer” (2004, p. 72). O artifício é indispensável para a realização do engenho, já que é através dele que se podem estabelecer relações de similaridade ou dessemelhança que devem partir de algo raro e excepcional, pois não é qualquer correspondência que contém a sutileza. O artifício deve recorrer às regras retóricas para a construção das figuras que irão ornamentar o discurso. Segundo tal concepção, podemos afirmar que a discursividade de Vieira é engenhosa, já que lança mão do artifício para discorrer sobre suas interpretações do mundo e da religião católica, concebidas letra a letra com o objetivo de conversão e de aceitação de uma Verdade que, para ele, tem valor absoluto e imutável.

Assim, ele se vê como uma personagem que tem uma missão divina a cumprir a terra, assemelhando-se a Jesus Cristo, o eleito que irá usar o dom da fala para transmitir a vontade de Deus, o que torna possível escrever a História não do que aconteceu, mas do que acontecerá no futuro. Esse caráter premonitório de Vieira se revela na medida em que ele encarna com fé inabalável a figura da personagem que, por ser detentora da Verdade, reformará o mundo. Esses artifícios retóricos são colocados a serviço do imaginário e se transformam em meios de expressão de sua língua fundamental. A materialidade do significante, as sílabas, o conjunto de sílabas e as letras e demais elementos empregados se apresentam cheios de significações. Por isso, as finalidades do sermão, em linhas gerais, são: “docere” (educar) através de citações sagradas que abrigam o conceito de “Verdade”; “delectare” (agradar) seus ouvintes com uma narrativa envolvente repleta de exclamações, interjeições, apóstrofes e outros elementos retóricos. Por fim, “movere” (persuadir) a audiência a refletir e compreender os princípios pedagógicos do sermão através de perguntas retóricas, verbos no imperativo, vocativos e argumentos advindos da esfera do sagrado. Essa é a razão por que, para Van de Beselar, “é impossível comentar sua obra sem entrar nos pormenores de sua vida” (1981, p. 14), visto que ambas são como linhas entrecruzadas.

Nascido em Portugal, em 1608, sua família veio para o Brasil em 1614. Em 1624, na Bahia, Vieira presenciou a invasão holandesa, testemunhando a falta de entendimento, em que os sons das línguas foram substituídos por tiros de canhões e diversos eventos que transtornaram a ordem pública. Segundo o então noviço, “instava, entre tanta confusão, o cansado e afligido governador, nesta noite como outro Eneias, na do incêndio, juntando e animando os soldados a morrer, antes com honra que ter vida sem ela” (VIEIRA, 1997, p. 17). Com o governador aprisionado pelos holandeses, coube ao bispo a campanha de resistência que, em 1625, resultou em sua expulsão, evento bastante significativo na concepção de Vieira sobre as relações humanas e que se tornou subjacente a sua obra.

No que se refere à estrutura do sermão, o exórdio apresenta o tema e o desenvolve a partir do versículo “Vós sois o sal da terra”. Com isso, Vieira mostra a necessidade de o homem assumir um lugar de destaque na sociedade, assemelhando-se às capacidades benéficas de preservação do sal ao perpetuar o bem através do combate ao tráfico de índios praticado por leigos e religiosos, preservando os sentimentos de justiça e respeito. Com isso, ele cria um sistema de causa/relação, pois o sal não salga, do mesmo modo que a terra não se deixa salgar se pregadores e ouvintes negligenciarem o conceito de “Verdade” tão caro à estética barroca. É esse o contexto em que Santo Antônio é apresentado, pois, diante da indiferença humana optou por deixar as praças, ir-se às praias; deixar a terra para ir-se ao mar (VIEIRA, 1996, p. 62), deixando claro que aqueles que os que não querem ouvir a “Verdade” devem se retirar, pois a mensagem não é para eles. O exórdio termina com uma invocação a “Maria, domina maris” (Senhora do Mar).

Em seguida, a partir da pergunta retórica “que havemos de pregar hoje aos peixes?”, inicia-se a prédica e uma série de alegorias que colocam, num mesmo nível, homens e peixes.

Entre a fauna que habita os ambientes aquáticos, os peixes representam o maior grupo de vertebrados (VAZZOLER, 1996). São aproximadamente 25.000 espécies de peixes ósseos (Actinopterygii), 900 de arraias, tubarões e quimeras (Chondrichthyes), 80 de Agnatos e 8 de Actinistia + Dipnoi (POUGH *et al.*, 2003). Essa classificação é parafilética, ou seja, não é um grupo natural, pois não inclui todos os seus descendentes, já que tetrápodes são considerados um grupo a parte.

Os peixes são encontrados em praticamente todos os ambientes aquáticos, em água doce, estuarina e marinha. Além de vários *habitats*, podem viver na superfície ou nas profundezas de água doces e marinhas. Sua importância para os seres humanos vai da alimentação (CERDEIRA *et al.*, 1997) à aquariofilia (GOODWIN, 2003), exercendo papel funcional na natureza como dispersores de sementes de plantas (VILLELLA *et al.* 2002), como bioindicadores de qualidade de ambiente (JARAMILLO-VILLA & CARAMASCHI, 2008), sendo também importantes para cadeias tróficas (CASATTI, 2002). Além disso, exercem funções específicas no imaginário humano, como nas relações entre eles e os índios tukano e tuyuka, do alto rio Tiquié, no noro-

este da Amazônia, pois atuam miticamente como personagens fundadores dessa etnia, além de, obviamente, fazerem parte da alimentação desses povos (CALBAZAR *et al.*, 2005).

A partir de uma observação atenta tanto dos homens quanto dos peixes é que Vieira os associa a atos sociais. Isso ocorre porque ele divide o comportamento dos peixes em dois tipos: positivos e negativos, que representam, conseqüentemente, as diversas qualidades e defeitos humanos que se refletem no meio-ambiente. Nessa exemplificação, Vieira retoma a figura de Santo Antônio, apresentado a divindade como exemplo ora em paralelo com os peixes elogiados ao superar-lhes as virtudes, ora numa posição antitética em que o santo apresenta as qualidades opostas aos defeitos apontados.

Os peixes alusivos ao comportamento positivo são o “peixe de Tobias”, o torpedo e o quatro olhos. Por outro lado, os que representam os diversos defeitos humanos são os roncadores, os voadores. A rêmora e os pegadores são a mesma espécie de peixe, embora o padre a utilize como diferentes, com comportamentos distintos, um positivo e outro negativo. Outras espécies de peixes citadas no texto são o espartate, o xaraéu, a sardinha, o solho e o bagre. Além dos peixes, um invertebrado, um molusco representado pelo polvo, também é apresentado pelo padre como sendo um ‘peixe’ com comportamento negativo.

Comportamentos positivos

O “peixe de Tobias” é, provavelmente, espécie de bacalhau, mas não é possível afirmá-lo categoricamente. No entanto, existem várias características comuns entre eles, como, por exemplo, o elevado tamanho do “peixe de Tobias” que, como o *Gadus morhua*, pode atingir dois metros de comprimento (Nelson, 2006). Além disso, as propriedades curativas e anti-inflamatórias de seu fel nos olhos humanos, como apresentadas por Vieira, também nos aproximam desse tipo de bacalhau. O óleo de fígado de bacalhau vem sendo utilizado com suplemento alimentar de vitaminas A e D. A deficiência prolongada de vitamina A pode causar uma grave doença carencial, a hipovitaminose A, que pode, por sua vez, acarretar xerofthalmia e cegueira (Souza & Vilas Boas, 2002), sendo que isso é um fator que pode explicar o por que o bacalhau pode ser o peixe de Tobias. Além disso, seu óleo é rico em gorduras, em especial, ácidos graxos polinsaturados não essenciais da série ômega 3, capazes de reduzir o risco de doenças cardiovasculares, além de auxiliar na redução da artrite reumatoide e outros processos inflamatórios (CONNOR, 2000).

A família Gadidae apresenta distribuição marinha no Ártico, no Atlântico e no Pacífico, possuindo três nadadeiras dorsais e duas anais. A primeira dorsal fica logo atrás da cabeça e não tem espinhos. São conhecidos 16 gêneros e 31 espécies divididas em duas subfamílias. A maioria das espécies é de fundo ou bentopelágico, alimentan-

do-se de peixes e invertebrados. Migrações de longa distância são conhecidas para várias espécies (NELSON, 2006).

Segundo o mito, Tobias, ao banhar-se no rio Tigre, quase foi devorado por um peixe gigantesco, mas a intervenção o anjo Gabriel o salvou, fazendo com que o peixe fosse capturado pelo homem (DIAS, 2010, p. 125). Após pescá-lo, Tobias aproveitou sua carne; com o fel de suas entranhas curou a cegueira de seu pai e após queimar parte do coração do peixe, expulsou da casa de Sara um espírito maligno, Asmodeu, que já lhe havia morto sete maridos, permitindo que o próprio Tobias a desposasse. Esse exemplo pode trazer algumas dúvidas em relação à possibilidade de se tratar de um bacalhau, pois este apenas vive em ambientes marinhos. Porém o rio Tigre é um afluente do rio Eufrates que desemboca no Golfo Pérsico (que é um braço do mar). Essa posição do rio Tigre e sua proximidade com o mar, pode explicar o porquê o peixe pode ser um bacalhau. No entanto, tendo em vista suas especificidades, é compreensível que se deixe de lado a cientificidade, visto que Santo Antônio também tem o poder de curar a cegueira e expulsar o mal dos corações humanos, bem como banir todos os males que nos cercam.

Outro peixe apresentado são as raias, também conhecidas como torpedo, que possuem poderosos órgãos elétricos derivados de músculos branquiais na região da cabeça. Sua pele é macia, seus olhos são pequenos, a nadadeira caudal é bem desenvolvida, possuindo também barbatanas dorsais 0-2. A produção elétrica é em grande parte é para alimentação e defesa (Nelson 2006; Bennet *et al.*, 1961). No Brasil há a espécie *Torpedo nobiliana* (Szpilman, 2000), provavelmente, a citada pelo padre. Ao produzirem uma grande carga de energia, os torpedos, segundo o sermão, fazem tremer o braço do pescador, evitando que sejam pescados. Do mesmo modo, Santo Antônio pregou a vinte e dois homens com tal eloquência, que os fez tremer e se converterem ao cristianismo. Apesar de seu tamanho exíguo, são peixes dotados de grande força, resistência e poder.

O peixe “quatro olhos” pertence à família Anablepidae, que possui uma única característica diagnosticada entre a ordem dos Cyprinodontiformes, que é a lateralidade na papila urogenital masculina. A família é composta de três gêneros: *Oxyzygonectes*, monotípico, *Jenynsia*, com 11 espécies e *Anableps*, com três espécies.

O gênero *Anableps* está distribuído na América do Norte, Central e Sul da América. Esses são os membros mais distintos da família, podendo medir até 32 cm de comprimento total. Os *Anableps* são chamados peixes quatro olhos por os possuírem proeminentemente elevados acima do topo da cabeça. A pupila de cada olho é dividida longitudinalmente em duas, uma dorsal e uma ventral e, frequentemente, esses peixes nadam com o centro do olho na superfície da água, o que lhes dá visão aérea e aquática simultânea (Ghedotti, 2003). São encontrados, normalmente, em áreas estuarinas e nas planícies lamacentas de maré (Lowe-McConnell, 1975). No entanto, essa espécie pode sobreviver em água doce durante longos períodos (ZAHN *et al.*, 1977) e, provavelmente, é essa espécie a citada pelo padre Vieira. Assim, com a visão redobrada, os

peixes concentram-se na água e no ar, metáfora da vida e dos perigos que podem afastar o homem de Deus e que, numa relação entre o alto e o baixo, pode também significar o céu e o inferno. Por isso, segundo o texto, “se tenho fé, e uso da razão, devo olhar diretamente para cima, e diretamente para baixo; para cima, considerando que há Céu, e para baixo, lembrando-me que há Inferno” (Vieira, 1996, p. 50).

Comportamentos negativos

A seguir, no capítulo IV do sermão, Vieira descreve peixes com comportamento negativo, exemplos que afetam a espiritualidade humana, sobretudo quando os maiores devoram os menores. Como exemplo, cita Santo Agostinho, construindo um paralelismo invertido pelo fato de esse haver pregado aos homens, enquanto Santo Antonio, aos peixes. Como exemplo da voracidade humana, cita alguém que morreu e que foi devorado pelos herdeiros, testamenteiros, oficiais, sangradores, legatários, advogados, a mulher, o coveiro, o sineiro e, mesmo, os padres, mostrando genericamente que o mesmo ocorre no mar, quando peixes maiores perseguem e devoram os menores. Partindo para a exemplificação, Vieira cita os roncadores, associando-os a peixes arrogantes e de pouca firmeza. Pertencentes à família Haemulidae, eles são encontrados nos oceanos Atlântico, Índico e Pacífico, porém algumas espécies podem viver em água salobra e, raramente, em água doce. Esta família apresenta 17 gêneros e cerca de 145 espécies (Nelson, 2006). O termo roncador vem do som que produzem pela fricção dos dentes faríngeos superiores com os inferiores. Estes se conectam através da borda posterior dos ossos faríngeos e com a extremidade anterior da bexiga natatória, a qual pressiona a parede dorsal do esôfago, funcionando como um amplificador de sons produzidos tanto dentro da água quanto fora dela (Buerkeroad, 1930; Demski *et al*, 1973). Segundo Szpilman (2000), a família Haemulidae apresentam 23 espécies no Brasil, e é a *Conodon nobilis* que tem o nome vulgar de roncador, ao passo que a *Anisotremus virginicus* é assim conhecida em Portugal. Essas podem ser as prováveis espécies apontadas por Vieira, apesar de que todas as espécies de peixes da família Haemulidae produzirem esse som feroz e voraz. Desse modo, corroborando o exemplo inicial, Vieira alerta que muito antes de ser comido pela terra, o defunto já foi comido por seus semelhantes (VIEIRA, 1996, p. 71).

O próximo peixe é o voador, que pertence à família Exocoetidae, sendo reconhecidas 5 subfamílias, oito gêneros e 52 espécies. A subfamília Exocoetinae apresenta 3 espécies (Nelson, 2006). A espécie que foi mencionada pelo padre parece ser a *Exocoetus volitans*. Seu corpo é alongado e fino e as nadadeiras pélvicas são curtas, enquanto as peitorais são extremamente desenvolvidas. No Brasil, ocorrem ao longo de toda a costa. São peixes pelágicos e oceânicos que vivem e nadam ativamente próximo à superfície. Através da propulsão de sua nadadeira caudal, o voador ganha velocidade, sai da água e plana com a ajuda do vento, utilizando suas grandes peitorais. Esses “voos” duram alguns segundos, suficientes para percorrerem até 100 metros de distância e

ocorrem, normalmente, quando o cardume está sendo perseguido por predadores pelágicos como os atuns, dourados, espadartes e marlins (SPILMAN, 2000). Vieira os interpreta como exibicionistas de ambição desmedida, cuja cobiça e presunção, impedem que façam bom uso de suas “asas”.

O padre faz referencia a um molusco, uma espécie de polvo do gênero *Octopus* é o próximo apresentado e corresponde à família Octopodidae, representada por 112 espécies, distribuídas, principalmente, em águas rasas tropicais (Voss *et al.*, 1998). Talvez, a provável espécie referida por Vieira seja *O. vulgaris* por ser cosmopolita e bem conhecida.

Os polvos são importantes ecologicamente nos ecossistemas, sendo predadores de emboscadas e oportunistas, com uma dieta generalista. Os polvos vivem em covas localizadas em fendas e orifícios em grutas no interior do mar e fazem excursões à procura de alimento ou descansam, de tocaia, próximo à entrada de suas grutas. Suas presas são peixes, em especial, aves, mamíferos marinhos e outros cefalópodes (Hanlon & Messenger, 1996). Uma das táticas de forrageamento do polvo consiste em saltar sobre uma presa, envolvendo-a em sua teia de braços superesticados ou sobre moitas de algas e outros objetos para, depois, os tatear em busca de uma possível captura. O polvo pode levar vários animais – todos paralisados pela toxina salivar – para serem consumidos em sua toca (Ruppert *et al.*, 2005).

Segundo o padre Antonio Vieira polvo é “peixe aleivoso e vil, qual a maldade” (Vieira, 1996, p. 79). É tido como o maior traidor do mar e isso se deve ao fato de ele, primeiramente, se pintar das mesmas cores que o circundam. Quando em perigo, em forrageio ou em corte, o polvo pode mudar de cor, o que é possível pela presença de cromatóforos no tegumento interno. Espécies particulares possuem cromatóforos de diversas cores: amarelo, laranja, negro, vermelho e azul, cujo efeito é potencializado pelas camadas mais profundas de iridócitos ou células refletoras que refletem diretamente a luz. A coloração da pele é, assim, o resultado da luz passando através dos filtros de cromatóforos expandidos e dos filtros de iridócitos (Ruppert *et al.*, 2005; Messenger, 2009). Por isso, Vieira lhes atribui a falsidade, a mentira e a dissimulação como características maiores, pois perdem a autenticidade de acordo com o meio, valendo-se dele para conseguirem seus intentos ao ludibriarem os incautos.

Para finalizar as alegorias negativas, o pregador admoesta que não se deve se apoderar dos bens dos mortos nos naufrágios, algo tão comum naquela região, como também uma alusão aos colonos que roubam tudo o que podem dos colonizados. Tomando um exemplo da Bíblia e passando-o para o estatuto de narrador, o padre conta a história de São Pedro, que pescou um peixe que trazia uma moeda na boca, reforçando o fato de que todos os que se apoderam dos bens alheios têm morte certa e foi o que aconteceu a este peixe, já que a moeda não lhe pertencia, pois provinha de algum naufrágio e, como tal, o peixe não a deveria ter pego. Assim acontece com peixes e homens e isso pode lhes custar não só a morte física, mas a morte espiritual, pois para tal delito não há absolvição.

Comportamentos positivos e negativos

Para além dos comportamentos positivos e negativos, Vieira atribui aos peixes a possibilidade de oscilarem entre um e outro, em clara alusão à natureza humana. No capítulo III, por exemplo, afirma que a rêmora é um peixe pequeno, mas forte, o que é um fator positivo. No capítulo V, contudo, denomina peixes pegadores os que são parasitas. Em ambos os capítulos o padre fala da rêmora, porém o que se sabe é que as elas vivem associadas a vários organismos aquáticos, sendo essa associação um aspecto claramente positivo para as rêmoras. No entanto, apenas atualmente é que estão sendo feitos estudos para se conhecer o efeito nos hospedeiros.

Pertencentes à família Echeneidae, estão presentes no Ártico, Atlântico e Pacífico. Têm corpo alongado, cabeça achatada e mandíbula inferior projetando o maxilar superior. Suas escamas são pequenas e cicloides, as nadadeiras dorsal e anal não têm espinhos. Não possuem bexiga natatória e possuem sucção no disco na cabeça (desenvolvido a partir de uma nadadeira dorsal transformada em espinhos que são divididos para formar entre 10 e 28 lâminas transversais móveis dentro de uma margem carnosa) (Brunnschweiler & Sazima, 2006; Nelson, 2006).

As rêmoras pressionam o disco contra outros peixes, criando um vácuo parcial que opera os sulcos do disco móveis como barras em uma veneziana, de modo que a sucção lhes permite obter carona em animais maiores (Fulcher & Motta, 2006). Por isso, são encontradas em associações com tubarões, peixes ósseos, tartarugas e mamíferos marinhos (Sazima & Grossman, 2006), sendo que algumas espécies apresentam especificidade de hospedeiros. A associação descrita para a rêmora com outros animais é de comensalismo e, segundo O'Toole, (2002) a associação entre as rêmoras e seus hospedeiros parece diferir entre cada espécie. O disco de sucção permite o comportamento que lhes beneficia a redução de custos de transporte e energia, o acesso a recursos alimentares, proteção contra predadores e maiores oportunidades de acasalamento (Brunnschweiler & Sazima, 2006). Por outro lado, o benefício para os animais que carregam as rêmoras é a limpeza com remoção de parasitas e doentes ou tecido lesionado (Sazima *et al*, 1999). Em tartarugas as relações são de foresia, porém pode ser de simbiose, como a limpeza de parasitas. Os custos para os carregadores ainda são poucos estudados, sendo que Brunnschweiler (2006) descreve alguns efeitos negativos, como uma irritação na pele de dois tubarões do gênero *Carcharhinus*.

Após essas densas reflexões, Vieira encerra o sermão, conclamando os peixes a louvarem o Senhor com o cântico do *Benedite* que, na sequência inicia os festejos antoninos. Assim, as alegorias aos peixes são plenamente associáveis aos homens e esse recurso didático fez com que o “povo do Maranhão”, constantemente conclamado ao longo do sermão, tivesse plena percepção de seu teor e cumplicidade. Esse traço aproxima o “Sermão de Santo Antônio aos peixes” dos demais sermões de Vieira, posto que estes apresentam uma proposta ideológica através de uma discursividade política inse-

rida em uma concepção teológica do poder e do mundo que, como afirma Bosi (*apud* Lima, 2004, p. 20), faz de Vieira um “advogado do novo”.

Esse novo não se revela apenas na engenhosidade do Barroco e do religioso ao discorrer entre o *facto* e o *ficto*, mas numa percepção que, tal qual o vislumbre do “Quinto Império”, revelará aspectos múltiplos de saberes distintos que, futuramente, resultarão nos “Estudos Interdisciplinares” e sua amplitude de abordagens. Mais que isso, as comparações a partir da natureza humana, da linguagem e da ecologia viabilizam uma nova relação da literatura e o meio ambiente físico natural que se abre como um novo viés de estudos.

Por fim, como salienta Garrard, (2006), esse novo campo se depara amiúde com a necessidade de pensar sua relação com a globalização a fim de estarmos atentos aos problemas postos nas questões globais na atualidade com o objetivo de postular uma poética da responsabilidade para com o planeta, bem como trazer à tona experiências construídas por outras possibilidades de leitura a partir de questões que dialogam com globalização e, como a ecocrítica é, confessadamente, uma abordagem interdisciplinar.

Tabela 1 – Identificação das espécies de peixes e de uma espécie de polvo presentes no “Sermão de Santo Antônio aos Peixes”, do padre Antonio Vieira

<i>Ordem</i>	<i>Família</i>	<i>Gênero e espécie</i>	<i>Nome popular do texto</i>	<i>Capítulo do texto</i>
Gadiformes	Gadidae	<i>Gadus morhua</i> Linnaeus, 1758	Peixe de Tobias	III
Peciformes	Echeneidae	<i>Echeineis naucrates</i> Linnaeus, 1758, <i>Phtheirichthys lineatus</i> (Menzie, 1791) <i>Remoras</i> spp., <i>Remorina albescens</i> (Temminck & Schlegel, 1845)	Remora	III e V
	Haemulidae	<i>Conodon nobilis</i> (Linnaeus, 1758) <i>Anisotremus virginicus</i> (Linnaeus, 1758)	Roncador	V
	Xiphiidae	<i>Xiphias gladius</i> Linnaeus, 1758	Espadartes	V
	Carangidae	<i>Caranx</i> spp.	Xaréu	IV
Cyprinodontiformes	Anablepidae	<i>Anableps anableps</i> (Linnaeus, 1758)	Quatro – olhos	III
Beloniformes	Exocoetidae	<i>Exocoetus volitans</i> Linnaeus, 1758	voador	V

Tabela 1 – Identificação das espécies de peixes e de uma espécie de polvo presentes no “Sermão de Santo Antônio aos Peixes”, do padre Antonio Vieira (continuação)

<i>Ordem</i>	<i>Família</i>	<i>Gênero e espécie</i>	<i>Nome popular do texto</i>	<i>Capítulo do texto</i>
Torpediniformes	Torpedinidae	<i>Torpedo nobiliana</i> Bonaparte, 1835	Torpedo	III
Cupleiformes	Clupeidae	<i>Sardinella brasiliensis</i> (Steindachner, 1879)	Sardinha	III
Pleuronectiformes	Bothidae, Paralichthyidae, Pleuronectidae, Achiridae, Cynoglossidae		Solho	III
Salmoniformes	Salmonidae			III
Siluriformes	Ariidae	<i>Bagre</i> spp.	Bagre	IV
Octopoda	Octopodidae	<i>Octopus vulgaris</i> (Cuvier, 1797)	polvo	V

Resumo: Tendo em vista que a interdisciplinaridade consiste numa reflexão profunda e inovadora sobre o conhecimento e determinada insatisfação com a fragmentação do saber (Japiassu, 1976), esse texto propõe uma reflexão sobre duas áreas à princípio distantes, mas que tornam-se complementares. Trata-se de uma leitura do “Sermão aos peixes” (1645), do padre Antônio Vieira, que estabelece uma série de alegorias entre os colonizadores, os colonizados e peixes. Para além da análise literária da obra, bem como da estética barroca do “Imperador da Língua Portuguesa”, na acepção de Fernando Pessoa, veremos como os peixes conhecidos na cidade de São Luis do Maranhão, local onde o sermão foi proferido, atuam na caracterização do sistema colonial brasileiro e na mentalidade subjacente à época.

Palavras-chave: Padre Antônio Vieira. “Sermão de Santo Antônio aos peixes”. Literatura. Ecologia. Etologia. Interdisciplinaridade.

Abstract: Considering that interdisciplinarity consists in a deep and innovative reflection on knowledge and in a certain dissatisfaction with the fragmentation of knowledge (Japiassu, 1976), this text proposes a reflection on two areas, distant at first, but complementary in the end. This is a reading of the “Sermon to the Fish” (1645), by Priest Antonio Vieira, which establishes a series of allegories between the settlers, the colonized and the fish. Beyond the literary analysis of the work and the baroque aesthetic of the “Emperor of the Portuguese Language”, in the words of Fernando Pessoa, we will investigate how the fish known in the city of São Luis do Maranhão, where the sermon was

delivered, act on the characterization of Brazilian colonial system and on the underlying mentality of the time.

Keywords: Priest Antonio Vieira. “Sermão aos Peixes”; Literature; Ecology; Ethology; Interdisciplinarity.

REFERÊNCIAS

- BENNETT, M.V.L; WURZELI, M; GRUNDFEST, H. “The electrophysiology of electric organs of marine electric fishes and properties of electroplaques of *Torpedo nobiliana*”. The Rockefeller University Press, 1961, vol. 44, nº 4 757-804.
- BESSELAAR, J., V. *Antonio Vieira. O homem, a obra, as ideias*. Lisboa: Biblioteca Breve, 1981.
- BRUNNSCHWILER, J.M. & SAZIMA, I. “A new and unexpected host for the sharksucker (*Echeneis naucrates*) with a brief review of the echeneid–host interactions”. *JMBA2 – Biodiversity Records*. 2006.
- BRUNNSCHWILER, J.M. “Sharksucker–shark interaction in two carcharhinid species”. *Marine ecology*. 2006.
- BURKENROAD, M. D. *Sound production in the Haemulidae*. *Copeia* 1930 (1):17-18.
- CABALZAR, A.; LIMA, F. C. T.; LOPES, M. L. *Peixes e gente no Alto Rio Tiquié: conhecimento tukano e tuyuka, ictiologia, etnologia*. São Paulo: USP. Instituto Socioambiental, 2005.
- CASSATTI, L. “Alimentação dos peixes em um riacho do parque estadual morro do Diabo, do Alto Paraná, sudeste do Brasil”. *Biota Neotropica* v 2 (n 2), 2002
- CERDEIRA, R.G.P; RUFFIRNO, L.M; ISAAC,V.J; “Consumo de pescado e outros alimentos pela população ribeirinha do lago grande de Monte Alegre, PA – Brasil”. *Acta Amazonica*, 27 (3), 213-228. 1997.
- CONNOR, W. E. “Importance of n-3 fatty acids in health and disease”. *American Journal of Clinics and Nutrology* v. 71, n. 1, p. 171-175, 2000.
- DEMSKY, L.S; GERALD, J.W; POPPER, N.A. “Central and peripheral mechanisms of teleost sound production”. *American zoologist*, vol13, n4, 1973 1141-1167
- FULCHER, B.A. & MOTTA, P.J. “Suction disk performance of echeneid fishes”. *Canadian Journal of Zoology*, 84, 42–50. 2006.
- GARRARD, G. *Ecocrítica*. (Tradução de Vera Ribeiro). Brasília: UNB, 2006.
- GHEDOTTI, M.J. “Family Anablepidae. (four-eyed fishes, onesided livebearers and the white eye)”. *In*: REIS, R. E; KULLANDER, S. O; FERRARIS, C. J. *Check List of the Freshwater Fishes of South and Central America*. 2003.
- GOODWIN, D. *Manual dos peixes de aquário*. Lisboa: Editorial Estampa. 2003.
- GRACIAN, Baltasar. *Agudeza y arte de ingénio*. Zaragoza: Prensa Universitária de Zaragoza, 2004. (2 vol.).
- JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- HANLON, R.T; MESSENGER, J.B. *Cephalopods Behaviour*. Cambridge: Cambridge University Press. 1996.
- JARAMILLO-VILLA, U & CARAMASCHI, E. P. Índices de integridade biótica usando peixes de água doce: uso nas regiões tropical e subtropical. *Oecol. Bras.*, 12 (3): 2008.
- LIMA, Luis Filipe Silvério. *Padre Vieira: sonhos proféticos, profecias oníricas*. O tempo do Quinto Império nos sermões de Xavier Dormindo. São Paulo: Humanitas, 2004.

- LOWE-McConnell, R.H. *Fish communities in tropical freshwaters: their distribution, ecology and evolution*. Longman: New York, 1975.
- MESSENGER, J.B. "Reflecting elements in cephalopod skin and their importance for camouflage". *Journal of Zoology*. Volume 174, Issue 3, 1974.
- NELSON, J. S. *Fishes of the world*. Wiley. John Wiley & Sons, Inc. 2006.
- O'TOOLE, B. "Phylogeny of the species of the superfamily Echeneoidea (Perciformes: Carangoi-dei: Echeneidae, Rachycentridae and Coryphaenidae) with an interpretation of echeneid hitchhiking behavior". *Canadian Journal of Zoology*, 80, 596–623. 2002.
- DIAS, P.B. "Os peixes para os judeus e para os cristãos: leituras de um símbolo à luz da cultura greco-romana". *Humanitas*. N. 62, 2010.
- RUPPERT E.R; FOX, S.R & BARNES, D. R. *Zoologia dos invertebrados*. Uma abordagem funcional-evolutiva. Roca. 2005.
- SAZIMA, I.; MOURA, R.L.; RODRIGUES, M.C.M., *A juvenile sharksucker, Echeneis naucrates* (Echeneidae) acting as a station-based cleaner fish. *Cybio*, 23, 377–380. 1999.
- SAZIMA, I & GROSSMAN, A. "Turtle riders: remoras on marine turtles in Southwest Atlantic". *Neotropical Ichthyology*. N.2, v. 12, 2006
- SZPILMAN, M. *Peixes marinhos do Brasil*. Guia prático de identificação. Instituto Ecológico Aqualung / Mauad Editora. 2000.
- VAZZOLER, A. E. M. *Biologia da reprodução de peixes teleósteos: teoria e prática*. Nupelia. Maringá, 1996.
- VIEIRA, Antônio. *Cartas*. (Coordenação e anotação de João Lúcio de Azevedo). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1997, 3 v.
- _____. *Sermão de Santo Antônio aos peixes*. Lisboa: Portugalia, 1996.
- VILELLA, F. S.; GERTRUM, F. B.; SANDRA, M. H. "Diet of *Astyanax* species (Teleostei, Characidae) in an atlantic forest river in southern Brazil". *Brazilian Archives of biology and technology*, 45 (2): 23-232. 2002.
- VOSS, N. A.; VECCHIONE, M. & Toll R. B. "Systematic and Biogeography of Cephalopods". *Smithsonian Contributions to Zoology*. Vol. II, 1998. p. 457-474.
- ZAHL, P. A. & MCLAUGHLIN, J. A; GOMPRECHT, J. "Visual versatility and feeding of the four-eyed fishes". *Anableps*. Copeia, 1977 (4): 791-793. 1977.